



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**FATORES PREDITORES DA VERSATILIDADE DO  
COMPORTAMENTO DESVIANTE EM JOVENS  
ADULTOS**

**ADRIANA RAQUEL DUARTE DOS SANTOS**

**ORIENTADOR DE DISSERTAÇÃO:**

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

**ORIENTADOR DE SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÃO:**

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

**2020**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Miguel Basto Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Foram 5 longos anos de batalhas marcadas por alegrias e frustrações, por avanços e recuos, por lágrimas de alegria e de tristeza. Foi um caminho bastante longo de trilhar e se doeu. Doeu estar longe de casa, dos meus. O preço de estudar fora é caro, e não falo de dinheiro, falo em algo que vai bem mais além disso. É sair de casa e ir embora, correr incessantemente atrás de um sonho que há muito sentimos ser nosso. Difícil mesmo é lidar com a saudade, com o que fica e com quem fica quando partimos...

Tendo em conta todo este percurso de 5 anos, quero agradecer especialmente:

Ao meu orientador, **Professor Doutor Miguel Basto Pereira**, pela paciência, ajuda, dedicação, disponibilidade e profissionalismo. Agradeço-lhe por conseguir transformar os momentos menos bons em momentos de aprendizagem, ensinando-me sempre a lidar com as adversidades, permitindo-me superar.

Aos meus **pais**, a quem dedico esta Dissertação, por moverem este mundo e o outro por mim. Por todo o apoio emocional e financeiro. Por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não o faço. À minha **mãe**, por ser o meu exemplo de Mulher guerreira. Por me ter ensinado que desistir nunca é opção. Ao meu **pai**, por ser o Homem da minha vida. Por ter deixado tudo para trás para dar um futuro melhor à nossa família. Sem vocês jamais seria o que sou hoje. Espero deixar-vos sempre orgulhosos! Não existe agradecimento escrito que chegue para vos agradecer e para vos dizer o quanto vos amo.

À minha **família** por me guiar sempre pelos melhores caminhos. Pelo amor incondicional. Em especial ao meu querido **avô Zé Palmeira**, que por escassos meses não assistiu ao final deste percurso. Tens sem dúvida um lugar especial, para sempre. Esta vitória é sobretudo para ti, avôzinho! À tia **Marlene** por me ter dado a conhecer e me ter feito apaixonar por este mundo incrível que é a Psicologia. Sem ti, hoje não estaria aqui. Foste a peça essencial nesta bonita jornada! Aos meus pequenotes, **Leonora** e **Miguel**, por todos os sorrisos, carinhos, mimosos, beijinhos e abraços de valor incalculável. À **Iara**, minha afilhada, por todos os sorrisos calorosos e ternurentos. Ao primo **André Tiago** por ser desde sempre o irmão que nunca tive. Por estar sempre lá, em todos os momentos. Por me ouvir e me enxugar as lágrimas, desde que nasci. Por me animar e me fazer sorrir.

Ao **Ricardo Bárbara**, o meu namorado, pela dedicação, cumplicidade, amor e paciência ao longo dos anos. Pela compreensão e incentivo principalmente durante este ano letivo conturbado. Por respeitar o meu silêncio. Por nunca desistir de mim, de nós. Por remar

sempre a meu lado e conseguir acalmar a corrente quando tudo está agitado. Por ser o meu melhor e maior amigo. És o meu porto de abrigo. Amo-te na tua simples forma de ser!

Às minhas amigas de infância, **Ana Catarina Couto**, **Inês Santos** e **Inês Delgado**, por me acompanharem desde sempre e serem as amigas de todas as horas. Obrigada por terem crescido comigo e me fazerem acreditar que existem amizades que de facto são para a vida.

Às minhas meninas ispianas, **Ana Candeias**, **Beatriz Ferreira**, **Marta Kauka**, **Catarina Oliveira** e **Débora Verhaeghe**, por todos os momentos de risada e companheirismo ao longo do curso. Agradeço todos dias se terem cruzado no meu caminho. Obrigada por serem as melhores parceiras desta bonita viagem! Levo-vos comigo para a vida!

À **Daniela Costa** e à **Rita Ascensão** por ouvirem os meus desabafos mesmo de madrugada. Pelas palavras amigas e de consolo no momento certo. Por me tranquilizarem.

À **Catarina Ramos** pela forma como encarámos juntas todos os desafios deste ano e pela maneira como enfrentámos o desconhecido. Pelo apoio. Pela partilha. Este ano fomos o pilar uma da outra: na tristeza, no desespero, na frustração. Um brinde a esta bela amizade!

À **Patrícia Marujo** por todo o incentivo, pela paciência e por me acalmar sempre. Por me fazer ver o lado positivo da vida (e do trabalho!), sempre!

Aos meus terrores do 5ºesquerdo, **Jéssica Leandro**, **João Freitas** e **Beatriz Leandro**, por serem os melhores colegas e companheiros de casa. Por todos os momentos de paródia, de partilha e de companheirismo.

À **Actuatuna** por ser a minha família ispiana. Por me fazer sentir em casa. Por todos os convívios, viagens, cantorias de norte a sul. Por terem sido um dos meus grandes amparos!

À **Carina Carrilho** por ser desde início uma fonte de segurança. Por permitir sempre que eu possa ser eu. Obrigada por esta amizade tão boa, tão verdadeira, tão genuína!

À **Sara Diogo** e ao **Pedro Costa**, que além de padrinhos académicos são amigos, por me apresentarem e integrarem com carinho nesta casa. Por estarem sempre presentes.

À minha **Corporação de Bombeiros**, Comando e Camaradas, por toda a compreensão desde o início. Foram bastantes as ausências aos serviços e eventos; mas com chefia e camaradas como vós, tudo se torna mais fácil. Obrigada a todos por me ensinarem a pensar e a agir no momento, perante a adversidade e a circunstância. VIDA POR VIDA.

A todos os que se cruzaram no meu caminho ao longo destes 5 anos e o fizeram tão especial, muito obrigada! Foi uma honra partilhar a melhor e maior experiência da minha vida com todos vós. O ISPA será sempre a minha casa! O bom filho a casa torna e eu voltarei, com a certeza que aqui vivi os melhores anos da minha vida!

## RESUMO

Até ao momento, a escassa literatura existente relativamente a esta temática não se debruçou devidamente nem estudou um conjunto tão alargado de fatores protetores do comportamento desviante. Nesse sentido, de modo a explorar o impacto dos fatores protetores e de risco associados ao curso de vida na versatilidade do comportamento desviante em jovens adultos, esta investigação tem duas hipóteses: (1) a presença de fatores de proteção e de fatores de risco está relacionada com a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida; (2) a mudança nos fatores protetores e nos fatores de risco nos últimos 12 meses está associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante durante esse mesmo período. Esta investigação tem no primeiro momento uma amostra de 617 jovens entre os 18 e os 20 anos e no segundo momento, uma subamostra de 50 jovens. Estes preencheram os protocolos de autopreenchimento: Questionário Geral sobre a Situação Geral e Familiar e Escala de Variedade do Comportamento Desviante. Os resultados sugerem que ser religioso praticante e ser do sexo feminino está associado a uma menor versatilidade do comportamento desviante; no entanto os nossos resultados não suportam a hipótese que a mudança nos fatores protetores e nos fatores de risco nos últimos 12 meses está associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante durante esse mesmo período, pelo que a segunda hipótese colocada não foi suportada. Conclui-se que é crucial continuar a investigar o impacto dos fatores protetores e de risco associados ao curso de vida no comportamento desviante, bem como o período de exposição necessário para serem observadas mudanças substanciais no comportamento desviante.

**Palavras-Chave:** Versatilidade; Comportamento Desviante; Fatores Protetores; Fatores de Risco; Preditores; Curso de Vida; Jovens Adultos.

## ABSTRACT

So far, the few existing literature on this topic has not properly addressed nor studied such a wide range of protective factors for deviant behavior. With that in mind, in order to explore the impact of protective and risk factors associated with the deviant behavior in young adults course of life, this investigation has two hypotheses: (1) the presence of protective and risk factors are related to the deviant behaviors versatility throughout life; (2) the change in protective and risk factors in the last 12 months is associated with substantial changes in the deviant behavior versatility during that same period. This investigation has a sample of 617 persons with ages between 18 and 20 years in a first moment, followed by a 50 persons subsample in a second moment. To this young people were given and completed the self-completion protocols: General Questionnaire on the General and Family Situation and the Deviant Behavior Variety Scale. The results suggest that being a practicing religious and being female is associated with less versatility in deviant behavior; however, our results do not support the hypothesis that the change in protective factors and risk factors in the last 12 months is associated with substantial changes in the versatility of deviant behavior during that same period, so the second hypothesis was not supported. We conclude that it is crucial to continue investigating the impact of protective and risk factors associated with the course of life on deviant behavior, as well as the period of exposure necessary to observe substantial changes in deviant behavior.

**Key-Words:** Versatility; Deviant Behavior; Protective Factors; Risk Factors; Predictors; Life-Course; Young Adults.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
1. A versatilidade dos comportamentos desviantes, os fatores protetores e os fatores de risco .....	1
2. Teorias do desenvolvimento e do curso de vida .....	4
2.1. Teoria Desenvolvimental – Moffitt (1993) .....	4
2.2. Teoria do Controlo Social Informal - Sampson e Laub (1993) .....	7
3. A perspetiva do curso de vida: a relação com a versatilidade do comportamento desviante e com os fatores protetores e de risco .....	8
A PRESENTE INVESTIGAÇÃO .....	13
METODOLOGIA .....	14
1. Participantes .....	14
2. Instrumentos .....	16
2.1. Questionário Geral sobre a Situação Geral e Familiar .....	16
2.2. Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBV; Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016) .....	16
3. Procedimento .....	16
RESULTADOS .....	18
1. Correlação de <i>Pearson</i> entre a presença de fatores protetores e indicadores antissociais 18 .....	18
2. Regressão Linear Múltipla para explorar a versatilidade dos comportamentos desviantes em função dos fatores protetores .....	19
3. Correlação de <i>Spearman</i> entre a mudança nos 5 fatores protetores nos últimos 12 meses e a versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período .....	21
DISCUSSÃO .....	23
1. Relação entre a presença de fatores de proteção e de risco e a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida .....	23
2. Relação entre a mudança nos fatores protetores e de risco e a mudança na versatilidade dos comportamentos desviantes nos últimos 12 meses .....	28
3. Limitações e Estudos Futuros .....	30
4. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais .....	31
5. Considerações Finais .....	32

REFERÊNCIAS .....	34
ANEXOS .....	41
Anexo I: Consentimento Informado. ....	42
Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar. ....	43
Anexo III: Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBV). ....	44

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Dados Sociodemográficos. ....	15
Tabela 2. Correlação de <i>Pearson</i> entre o comportamento desviante, o número de pares desviantes e os fatores protetores. ....	19
Tabela 3. Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses .....	20
Tabela 4. Regressão Linear entre os fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida.....	21
Tabela 5. Correlação de <i>Spearman</i> entre a mudança nos fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses.....	22

## INTRODUÇÃO

O conceito de carreira criminal não é algo recente na criminologia. Este conceito começou a ser abordado sensivelmente desde o ano de 1950, com a publicação de *Unraveling Juvenile Delinquency* (Glueck & Glueck, 1950) e com a descrição e caracterização das carreiras criminais. Contudo, pouco se sabe sobre a duração das carreiras criminais (Farrington, Ttofi, Crago & Coid, 2014). Ao longo dos anos, a Psicologia Forense tem-se focado em diversas particularidades inerentes ao comportamento desviante, sendo que o maior enfoque incide sobre o início e a manutenção do comportamento desviante (Farrington, 2009; Lussier, McCuish & Corrado, 2015). As carreiras criminais são definidas por Piquero, Farrington e Blumstein (2003) e por Soothill, Fitzpatrick e Francis (2009) como uma sequência de crimes cometidos pelo mesmo agressor ao longo do tempo, ou seja, uma sequência longitudinal de eventos criminais associados ao mesmo indivíduo. Assim sendo, contempla diversas componentes, nomeadamente: a) a participação ativa do indivíduo em comportamentos desviantes; b) a frequência dos comportamentos desviantes cometidos; c) a gravidade e d) a versatilidade do comportamento desviante. Semelhantemente, no seu estudo, Bushway, Paternoster e Brame (2003) sugerem que a carreira criminal tem em conta quatro fatores fundamentais, sendo estes o início, a frequência, a seriedade e a duração do comportamento desviante.

### **1. A versatilidade dos comportamentos desviantes, os fatores protetores e os fatores de risco**

Farrington (2007) sugere que a versatilidade do comportamento desviante deve ser entendida como um conceito central da carreira criminal, visto que grande parte das carreiras criminais são caracterizadas, mais tarde ou mais cedo, por uma mudança na versatilidade do comportamento desviante (e.g., menor versatilidade), sendo diversos os aspetos que se encontram relacionados, tal como amadurecimento, envelhecimento, desenvolvimento, aprendizagem social e curso de vida (Laub & Sampson, 2001). Para estes autores (Laub & Sampson, 2001), o curso de vida assume especial importância quando se pretende estudar a versatilidade dos comportamentos desviantes, pelo que sugerem existir diversos eventos característicos da vida adulta que funcionam como fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante, sendo estes definidos como pontos/momentos de viragem que implicam transição social e transformação de identidade (e.g., de indivíduo solteiro a indivíduo casado; de indivíduo delinquente a indivíduo não delinquente). Apesar da

versatilidade do comportamento desviante ser considerada um fenômeno, pouco ou nada se conhece acerca dos fatores protetores e de risco que promovem uma menor versatilidade do comportamento desviante. Deste modo, os autores (Laub & Sampson, 2001) enfatizam que conhecer os fatores protetores e de risco da versatilidade do comportamento desviante relacionados com o curso de vida possibilitará identificar não só um maior número de fatores protetores e de risco como, conseqüentemente, reconhecer os processos sociais inerentes à prevenção de comportamentos desviantes em grupos considerados de risco. Similarmente, um maior entendimento da versatilidade do comportamento desviante inserido num contexto social possibilita que, no futuro, seja possível efetuar uma intervenção com vista a promover uma menor versatilidade do comportamento desviante em jovens adultos, nomeadamente durante a transição da adolescência para a vida adulta (Laub & Sampson, 2001). Contudo, na Criminologia, são escassos os estudos que exploram a transição da adolescência para a vida adulta e que relacionam esta transição com os fatores protetores e de risco associados ao curso de vida.

De acordo com Basto-Pereira, Começanha, Ribeiro e Maia (2015), explorar os fatores protetores e fatores de risco associados à versatilidade do comportamento desviante possibilita entender o processo de reincidência e, conseqüentemente, o processo que poderá conduzir a uma menor versatilidade do comportamento desviante. Assim, Laub e Sampson (2001) enfatizam que fatores como o casamento, a empregabilidade e a mudança de casa e/ou cidade conduzem um processo gradual que promove uma menor versatilidade do comportamento desviante. Posto isto, torna-se pertinente apurar quando e quais os motivos que promovem esta mudança na versatilidade do comportamento desviante, bem como identificar, especificar e entender quais os fatores protetores e de risco associados. Do mesmo modo, o conhecimento dos fatores protetores e de risco associados ao curso de vida poderá, além de prevenir o comportamento desviante em jovens adultos, ajudar também na implementação de políticas que promovem uma menor versatilidade dos comportamentos desviantes, pelo que, conhecendo estes fatores, poderá atuar-se e intervir-se psicologicamente e socialmente de forma mais eficaz em crianças e jovens (Farrington, 2007; Basto-Pereira, Começanha, Ribeiro & Maia, 2015).

Ao longo dos anos, são diversos os autores (Laub & Sampson, 2001; Farrington, 2007) que sugeriram que, devido a uma mudança típica do curso de vida, o indivíduo procura uma certa estabilidade, sendo que esta não é compatível com a carreira criminal e com os comportamentos desviantes, acabando o indivíduo por renunciar esses comportamentos

(Farrington, 2007). Kazemian (2007) expõe que a mudança na versatilidade do comportamento desviante engloba quatro dimensões essenciais, mais especificamente, diminuição da frequência com que o indivíduo comete comportamentos desviantes, especialização num certo comportamento desviante, executar comportamentos desviantes de menor gravidade e, por último, a decisão do próprio de querer mudar. A autora reforça ainda que só após sucederem estes quatro acontecimentos, é que se poderá observar uma menor versatilidade do comportamento desviante. No entanto, Laub e Sampson (2001) argumentam que a mudança na versatilidade do comportamento desviante pode ocorrer em qualquer fase da vida do indivíduo, independentemente da idade do mesmo e é caracterizada por uma redução na frequência, na gravidade e na variedade dos comportamentos desviantes. Apesar de não haver uma idade definida para este fenómeno, os autores (Laub & Sampson, 2001) defendem que a mudança na versatilidade do comportamento desviante tem maior probabilidade de ocorrer no final da adolescência ou logo após o início da vida adulta, definindo como um processo natural e recorrente. Assim, este conceito compreende uma variedade de processos desenvolvimentais, psicológicos e sociológicos complexos, tendo diversos fatores implicados e associados. Deste modo, Lussier, Mcuish e Corrado (2015) sugerem que durante o final da adolescência ou logo após o início da vida adulta, ocorre um amadurecimento pessoal que é próprio da idade, em que o indivíduo se torna emocionalmente mais estável e orientado para o futuro, desenvolvendo igualmente o seu raciocínio moral, o que reduz, conseqüentemente, a sua impulsividade, promovendo uma menor versatilidade do comportamento desviante. Por outro lado, este amadurecimento poderá conduzir à diminuição da aceitabilidade e do desejo de se envolver em comportamentos desviantes.

Apesar disto, ainda subsistem algumas questões na literatura, nomeadamente, quanto tempo é necessário passar para se poder observar a reconhecer uma mudança na versatilidade do comportamento desviante? Tal como já foi referido, o casamento é um dos fatores que conduz o indivíduo a uma menor versatilidade do comportamento desviante. Desta forma, Laub e Sampson (2001) efetuaram uma analogia entre a data do casamento e o seu término e o comportamento desviante, com o objetivo de perceber a relação entre o casamento e a mudança na versatilidade do comportamento desviante. No entanto, neste exemplo, tanto o casamento como a data de término são fixados no tempo (e.g., datas oficiais de casamento e divórcio), todavia, a versatilidade do comportamento desviante é vista não como um momento abrupto, mas sim como um processo gradual e complexo. De acordo com Laub e Sampson (2001) e com Soothill, Fitzpatrick e Francis (2009), a versatilidade do comportamento

desviante é marcada por quatro etapas: a) a desaceleração, em que se regista uma diminuição do comportamento desviante; b) a especialização, em que o indivíduo reduz a variedade dos comportamentos desviantes, especializando-se num certo tipo de comportamento; c) a descalcificação, onde se verificam ações com menor perigo, registando-se uma redução na seriedade; d) e o alcance do objetivo, em que permanece o nível de seriedade, sem evoluir para comportamentos desviantes mais violentos e mais graves.

Quando se pretende explorar a versatilidade do comportamento desviante é fundamental incidir sobre os fatores relacionados com a infância e com a adolescência pois estes possuem um papel fundamental.

## **2. Teorias do desenvolvimento e do curso de vida**

A Criminologia Desenvolvimental tem vindo a suscitar cada vez mais interesse. Pretende estudar o desenvolvimento e a dinâmica do crime e os fatores que explicam e predizem a presença, a natureza e o tipo de crime, debruçando-se igualmente no desenvolvimento e na dinâmica do comportamento antissocial em relação à idade (Basto-Pereira & Farrington, 2019; 2020). A Criminologia Desenvolvimental, principalmente relacionada com a perspetiva do curso de vida, sempre se focou em dois aspetos: a) no desenvolvimento do comportamento desviante e antissocial; e b) nos fatores de proteção e fatores de risco em diferentes faixas etárias. Assim, segundo Farrington (2009), as Teorias do Curso de Vida surgiram, não só pela necessidade de explicar as alterações individuais no comportamento desviante ao longo da vida do indivíduo (e.g., como a versatilidade), mas também para entender as causas desse comportamento, com vista a uma melhor prevenção e intervenção. Nos últimos anos, as Teorias do Curso de Vida têm tido maior predominância em explicar questões relacionadas com o comportamento desviante e com a versatilidade dos mesmos ao longo do curso de vida do indivíduo, assumindo, assim, variações intraindividuais principalmente em jovens delinquentes no final da adolescência, pelo que propõem diferentes explicações (Farrington, 2007; Basto-Pereira & Farrington, 2019).

### **2.1. Teoria Desenvolvimental – Moffitt (1993)**

Moffitt (1993) desenvolveu uma das teorias mais importantes, inovadoras e influentes relacionadas com as carreiras criminais: a Teoria Desenvolvimental (Moffitt, 1993), que se foca maioritariamente em compreender o comportamento desviante ao longo do desenvolvimento e do curso de vida do indivíduo, não se debruçando na razão pelo qual estes comportamentos são cometidos. Assim, esta teoria revela-se de extrema importância para a

Criminologia Desenvolvimental pois aborda o modo como os acontecimentos do passado possuem influência nos acontecimentos futuros. Moffitt (1993; 2009; 2017) propõe duas categorias de jovens delinquentes: os persistentes ao longo da vida e os limitados à adolescência.

Os jovens delinquentes persistentes ao longo da vida, ainda que sejam em menor número, envolvem-se em comportamentos desviantes durante a infância ou no início da adolescência, mantendo-se por bastante tempo após o início da vida adulta, o que resulta numa persistência ao longo da vida e num aumento da violência. Este comportamento resulta de processos neurodesenvolvimentais em interação entre ambientes criminais e não protetores (Basto-Pereira & Farrington, 2019). Quanto ao segundo grupo, jovens delinquentes limitados à adolescência, são intitulados de limitados pois o seu envolvimento em atividades criminais é temporário, sendo que, por norma, o comportamento desviante tem início na infância e termina no final da adolescência ou logo após o início da vida adulta, ou seja, esta trajetória é apenas limitada à adolescência, pelo que os seus comportamentos poderão ser considerados como atitudes antissociais com vista à aceitação e integração no grupo de pares, a comportamentos que testam os limites e uma tentativa de se mostrar intocável pois jovens delinquentes limitados à adolescência apresentam menor violência, ao contrário dos jovens delinquentes persistentes. Moffitt (1993; 2009; 2017) propõe que as trajetórias do comportamento desviante persistente ao longo do curso de vida, resultam de uma multiplicidade de fatores como parentalidade prematura e/ou deficitária, pobreza, hiperatividade, défice cognitivo, não controle do seu temperamento, problemas neuropsicológicos, pertença ao círculo criminal (pai e/ou mãe também criminoso) e família alargada disruptiva. Para além disto, a autora propõe que os jovens delinquentes persistentes possuem maior probabilidade de serem mais versáteis no comportamento desviante, quando comparados com os jovens delinquentes limitados à adolescência.

Em contrapartida, os jovens delinquentes limitados à adolescência não possuem os mesmos fatores de risco da infância que os jovens delinquentes persistentes, tendo por isso mais probabilidade de uma menor versatilidade do comportamento desviante. Tal é justificado por uma lacuna na maturidade (e.g., *maturity gap*) destes indivíduos no final da adolescência ou início da vida adulta e pela influência dos pares (e.g., especialmente de jovens delinquentes persistentes), em que o comportamento desviante faz parte do processo social, onde os jovens imitam os seus pares antissociais como uma tentativa de se comportar como um adulto. É também durante o período da adolescência que o jovem pretende a autonomia dos pais e a

atribuição do papel e das responsabilidades da vida adulta sendo este último aspecto incompatível com os comportamentos desviantes e com a carreira criminal (Basto-Pereira & Maia, 2017; Basto-Pereira & Farrington, 2019). Por norma, os comportamentos desviantes e a versatilidades destes comportamentos em jovens delinquentes limitados à adolescência não são violentos e a sua carreira criminal atinge o auge na fase da adolescência, acabando por decair após esta fase. Consequentemente observa-se uma mudança na versatilidade dos comportamentos desviantes, quando interiorizam o papel social do adulto e se apercebem que podem atingir os seus desejos e vontades de forma legal (e.g., após atingirem a maioridade) (Basto-Pereira & Maia, 2017; Moffitt, 2009; 2017).

Outra particularidade desta teoria está relacionada com a tomada de decisão. Moffitt (2009; 2017) expõe que enquanto um jovem delincente limitado à adolescência tende a ser racional (e.g., aferindo as potenciais consequências e os potenciais benefícios de continuar envolvido em comportamentos desviantes), o jovem delincente persistente não, continuando envolvido em comportamentos desviantes. É importante referir que os jovens delinquentes limitados à adolescência têm probabilidade de uma menor versatilidade do comportamento desviante porque, por norma, não possuem nenhum comprometimento ao nível neuropsicológico, ao contrário dos jovens delinquentes persistentes, que recorrentemente possuem comprometimento a este nível (Moffitt, 2009; 2017). Moffitt (2009; 2017) salienta ainda que a curva da idade-crime, conceito apresentado por esta autora, admite que o auge dos comportamentos desviantes é na fase da adolescência, porém, isto depende do grupo onde o jovem delincente se insere - jovem delincente persistente ou jovem delincente limitado à adolescência. Assim sendo, os jovens delinquentes limitados à adolescência, tal como já foi referido, possuem o auge dos comportamentos desviantes durante essa mesma fase, observando-se uma menor versatilidade do comportamento desviante quando transitam para a idade adulta. Em contrapartida, os jovens delinquentes persistentes têm o auge na entrada para a vida adulta. Deste modo, a autora sugere que não existe uma relação entre a curva idade-crime e as alterações na frequência de comportamentos desviantes, mas parece haver uma relação entre a curva idade-crime e uma menor versatilidade do comportamento desviante. Posto isto, a intervenção dos jovens delinquentes persistentes deverá ser sistémica e precoce, englobando não só o jovem, mas também toda a sua família. Em contraste, a intervenção com jovens delinquentes limitados à adolescência deverá ser estabelecida com os próprios e com os pares, trabalhando a influência dos últimos nos comportamentos do jovem (Moffitt, 2009). Contudo, uns anos mais tarde, Moffitt (2009) adicionou uma nova trajetória à teoria,

intitulando-a como trajetória crônica de baixo nível. Esta nova trajetória apresenta inúmeras características comuns à trajetória persistente, todavia, na trajetória crônica de baixo nível, os jovens delinquentes possuem baixos índices de comportamentos desviantes, ou seja, apesar de continuarem envolvidos em comportamentos desviantes, estes comportamentos são em menor número e menos versáteis.

## **2.2. Teoria do Controlo Social Informal - Sampson e Laub (1993)**

O princípio da Teoria do Controlo Social Informal (Sampson & Laub, 1993) visa que a versatilidade do comportamento desviante tem sempre em conta a predisposição de cada indivíduo, principalmente ao nível dos acontecimentos que ocorreram no passado. Contudo, esta teoria salienta o modo como os fatores protetores e as experiências de socialização na vida adulta poderão contrariar as experiências adversas precoces vividas pelos indivíduos até ao final da adolescência (Farrington, 2009). Desde início, nesta teoria, que os autores (Sampson & Laub, 1993) tinham como objetivo identificar fatores protetores e de risco relacionados com a perspetiva do curso de vida, pois estes fatores poderiam alterar as trajetórias de vida dos jovens delinquentes, particularmente devido ao aumento do controlo social informal e ao reforço dos laços sociais, podendo por isso, conduzir a mudanças no indivíduo devido ao estabelecimento de novos vínculos sociais, num contexto social diferente. Assim, acabaram por identificar e nomear alguns fatores protetores, como o casamento/coabitação (e.g., união conjugal), emprego (e.g., estabilidade) e ingresso na carreira militar. Para Laub, Sampson e Sweeten (2009) são diversas as questões relacionadas com o comportamento desviante que são importantes investigar, sendo que algumas ainda permanecem sem serem respondidas, nomeadamente mudanças na versatilidade do comportamento desviante durante a adolescência/início da vida adulta. Assim sendo, esta teoria sugere que existem diversos vínculos sociais associados à transição para a vida adulta (e.g., relacionados com o curso de vida), que poderão modificar a trajetória do jovem, de uma trajetória desviante a não desviante, do comportamento delincente a não delincente.

Ao longo do seu trabalho Sampson e Laub (2005) defendem que o início dos comportamentos desviantes se dá quando o vínculo e a ligação com a sociedade se encontram comprometidos (e.g., diminuídos). Pelo que, salientam igualmente que, a força do vínculo e uma maior ligação com a sociedade inibirá o desejo do jovem delincente continuar envolvido em comportamentos desviantes, promovendo igualmente uma menor versatilidade de comportamentos desviantes. Assim, com o passar do tempo e com o curso de vida do

indivíduo, as mudanças dos vínculos sociais, promovidos pelos eventos de vida (e.g., casar, mudar de casa, começar a trabalhar) funcionam como fatores protetores uma vez que promovem uma menor versatilidade do comportamento desviante pois o mesmo afasta-se tanto de contextos disruptivos, como do seu grupo de pares.

Deste modo, os autores (Sampson & Laub, 2005) referiram que as instituições de controlo social formal e informal alteram-se ao longo do curso de vida do indivíduo, algo que observaram quando dividiram o curso de vida dos indivíduos em dois, adolescência e vida adulta. Igualmente, teorizaram que diversos eventos/momentos de vida característicos do curso de vida eram promotores de mudança, podendo conduzir a uma menor versatilidade do comportamento desviante. Então, pode-se constatar que, segundo os autores (Sampson & Laub, 2005), o controlo social informal explica o início, a continuação e as mudanças na versatilidade do comportamento desviante do indivíduo ao longo do curso de vida do mesmo.

Ao longo dos seus estudos Sampson e Laub (1993; 2005), além de explorarem o conceito do controlo social informal, associaram-no a diferentes estágios do curso de vida. Para além disso, identificaram diversos fatores que explicam o processo do aumento do vínculo social, que consequentemente promove uma menor versatilidade do comportamento desviante. Para Laub, Sampson e Sweeten, (2009), o controlo social e a rotina encontram-se relacionados e em constante interação, principalmente como forma de moldar as trajetórias delinquentes ao longo da vida. Em suma, Sampson e Laub (2005) argumentam que o desenvolvimento humano se encontra em constante relação entre os indivíduos e o contexto a que pertencem, sendo esta relação afetada pela própria capacidade de o indivíduo agir de modo autónomo, tomando as suas próprias decisões sem interferências de terceiros. Desta forma, o comportamento desviante deve ser entendido como um processo emergente, mediante a relação do indivíduo com o seu meio envolvente.

### **3. A perspetiva do curso de vida: a relação com a versatilidade do comportamento desviante e com os fatores protetores e de risco**

Uma das principais alterações no campo da Criminologia e da Psicologia Criminal nos últimos vinte anos foi a ênfase dada ao ciclo de vida e à influência deste na vida dos indivíduos. O curso de vida pode ser facilmente definido como o percurso feito por um indivíduo ao longo da sua vida útil, marcado por uma sequência de acontecimentos e transições sociais típicas da idade, deste modo, permite o estudo da vida do indivíduo ao longo do tempo, sendo aplicado em diversos domínios do comportamento e da carreira

criminal. Assim sendo, tem sempre em conta o caminho ao longo da vida útil de um indivíduo, bem como, o meio cultural onde este se encontra inserido, as tarefas, os desafios típicos e os papéis sociais de cada idade. O grande objetivo da perspectiva do curso de vida passa por tentar explicar a continuidade e a alteração no comportamento do indivíduo ao longo do tempo não a partir de eventos passados, mas sim de eventos do presente (Sampson, 2015). Sampson e Laub (2016) foram dos primeiros autores a interessarem-se e a abordarem os fatores subjacentes ao curso de vida, nomeadamente através do estudo dos fatores protetores e dos fatores de risco, o que permitiu grandes mudanças na área da Criminologia, principalmente no que se refere à perspectiva e à influência destes na versatilidade do comportamento desviante. Deste modo, debateram os diversos eventos de vida e as experiências de socialização na idade adulta como sendo fatores protetores, em que estes são capazes de modificar as trajetórias do jovem delinquent, nomeadamente mudanças na versatilidade do comportamento desviante.

Existem dois conceitos essenciais para analisar e compreender devidamente o curso de vida: as trajetórias e as transições de vida. As trajetórias de vida descrevem padrões de comportamento a longo prazo, sendo consideradas linhas de desenvolvimento ao longo da vida, tal como uma vida dedicada ao trabalho, ao casamento, à parentalidade ou ao comportamento desviante. Por sua vez, as transições são eventos pertencentes ao curso de vida (e.g., início de um novo emprego, casar, nascimento de um filho ou momento da condenação), contudo, também as transições poderão conduzir a grandes mudanças na trajetória de vida do indivíduo, estando intimamente relacionadas com as trajetórias (Nguyen & Loughran, 2018).

Assim sendo, Sampson e Laub (2016) reuniram diversos fatores protetores que acreditam ser centrais para uma menor versatilidade do comportamento desviante, designadamente, o casamento, a coabitação, o serviço militar e o ingresso nas forças armadas, a mudança de cidade/casa e o ingresso no mercado de trabalho. Segundo Sampson (2015) estes fatores possuem uma influência significativa na vida e no comportamento do indivíduo, pois permite conseqüentemente uma alteração a nível do meio e do contexto social do indivíduo, tal como, no número e no tipo de amigos e pares (e.g., pares delinquentes ou não delinquentes), pelo que a mudança do meio e contexto social poderá alterar o curso de vida do indivíduo. Assim sendo, admite que quando se aborda os fatores relacionados com o curso de vida, não se poderá descartar o conceito de mudança social (e.g., mudanças na natureza, instituições, comportamentos e relações sociais, o que exige adaptação do indivíduo a esses

acontecimentos) pois esta possui bastante impacto no curso de vida do indivíduo, podendo conduzir a mudanças na versatilidade do comportamento desviante. Ainda referente às trajetórias, os fatores protetores possuem um papel importante pois têm como objetivo principal reorganizar o indivíduo a curto prazo, pelo que envolvem diversos aspetos, sendo por isso benéfico, para o jovem delinquente, uma menor versatilidade do comportamento desviante, pois conduz conseqüentemente a novas trajetórias de longo prazo, acabando estas alterações típicas do curso de vida (e.g., casamento, coabitação, parentalidade), por afastar o indivíduo dos pares desviantes, proporcionando igualmente o controlo social informal. Assim sendo, o jovem delinquente é exposto a novas situações que o afastam do passado, novas oportunidades de apoio e crescimento social, novas situações que modificam a rotina e as atividades do mesmo e novas situações que oferecem a oportunidade de transformação de identidade. Posto isto, os fatores protetores e de risco podem modificar totalmente e inesperadamente a trajetória do indivíduo de modo a que não seja idêntica aos comportamentos e eventos anteriores. As alterações no comportamento do indivíduo, associados ao curso de vida, é um tema complexo e bastante debatido nesta perspetiva (Sampson & Laub, 2016).

Para Laub e Sampson (2001), entender a perspetiva do curso de vida permite entender igualmente os processos subjacentes à versatilidade do comportamento desviante e ao papel da sociedade. A versatilidade do comportamento desviante está associada a uma variedade de fatores complexos e relacionados entre si, sendo estes desenvolvimentais, psicológicos e sociológicos. Os fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante são distintos em diferentes idades, pois a mudança na versatilidade do comportamento desviante ocorre conseqüentemente quando existe uma mudança ao nível da estabilidade de vida. Assim sendo, as mudanças no comportamento desviante, advém de mudanças no seu curso de vida (e.g., mudança de emprego, parentalidade, casamento). Os jovens delinquentes, na larga maioria dos casos, envolvem-se em comportamentos desviantes (e.g., maioritariamente comportamento aditivo e/ou comportamento violento) até aproximadamente metade da vida adulta, ocorrendo, nesta altura precisa, diversos fatores que contribuem para uma menor versatilidade do comportamento desviante. É importante salientar que a maioria dos adultos, anteriormente caracterizados como jovens com comportamentos desviantes, quando se aproximam da idade adulta não se envolvem em comportamentos desviantes.

Através dos escassos estudos efetuados relacionados com a versatilidade do comportamento desviante, pode-se observar algo em comum: o reconhecimento da existência

de um conjunto de eventos e momentos típicos da vida adulta dita normal (e.g., casamento, emprego, mudança de casa ou cidade, envelhecimento) que podem explicar mudanças na versatilidade do comportamento desviante (e.g., menor versatilidade), sendo este um processo gradual (Basto-Pereira, & Maia, 2017).

Laub e Sampson (2001) sugerem que o pico de comportamento desviante ocorre durante a adolescência e diminui ao início da vida adulta, pelo que o processo de envelhecimento parece promover uma menor versatilidade do comportamento desviante. Para estes autores, as responsabilidades da vida adulta (e.g., casamento/coabitação, trabalho, mudança de casa/cidade) são uma possível explicação para a mudança na versatilidade do comportamento desviante ao longo do curso de vida, pelo que indivíduos com um casamento sólido, emprego estável e nova casa/cidade têm mais probabilidade de mudanças na versatilidade do comportamento desviante. Esta mudança deve-se, segundo os autores, à mudança para um novo ambiente social que promove a desagregação de antigos vínculos sociais (e.g., familiares ou pares desviantes), permitindo simultaneamente o estabelecimento de novos vínculos sociais (e.g., com novos pares ou com a família do cônjuge), sendo estes na grande maioria, legais e socialmente aceites.

Deste modo, segundo Laub e Sampson (2001), o casamento/coabitação, trabalho e mudança de casa/cidade promovem mudanças lentas e cumulativas, através da exposição a outros ambientes, o que conduz conseqüentemente a uma menor versatilidade de comportamentos desviantes, proporcionando um estilo de vida considerado convencional, sendo por isso considerados fatores protetores. Nesta linha, Lussier, Mcuish e Corrado (2015) sugerem que o casamento, a parentalidade e o emprego são os fatores protetores mais eficazes na mudança da versatilidade do comportamento desviante pois promovem conseqüentemente o estabelecimento de novos vínculos num contexto social diferente, que reprova o comportamento desviante. Enquanto o comportamento desviante não é socialmente aceite e é entendido como uma atividade destruída e disruptiva; em contrapartida, as atividades típicas da vida adulta caracterizam-se por serem socialmente aceites, sendo atividades estruturadas e rotineiras, funcionando por isso como fatores protetores.

Kazemian (2007) argumenta que os fatores protetores da versatilidade do comportamento desviante são um tanto ou quanto semelhantes aos fatores de risco, na medida em que se os fatores de risco explicam o início do comportamento desviante, os fatores protetores poderão explicar as mudanças na versatilidade do comportamento desviante. Tanto Kazemian (2007) como Abeling-Judge (2016) sugerem que, se por um lado a associação a

pares desviantes promove e incentiva a versatilidade do comportamento desviante, por outro lado, o afastamento e a dissolução do grupo de pares desviantes (e.g., através da mudança de cidade, de casa ou de escola) poderá promover uma menor versatilidade do comportamento desviante. Ainda sobre esta questão, admite que ao conhecer os fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante, será possível prever precocemente o comportamento do indivíduo, o que facilitará não só a intervenção em jovens com comportamentos de risco (e.g., delimitando a duração, a intensidade, a gravidade e a seriedade dos comportamentos desviantes), como a reintegração na sociedade.

## A PRESENTE INVESTIGAÇÃO

Ao longo da vida poderão existir alterações no comportamento desviante devido aos fatores protetores e aos fatores de risco, que poderão funcionar como fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante. Contudo, os fatores protetores e de risco associados à versatilidade do comportamento desviante estão ainda por investigar, apesar de serem considerados uma questão relevante principalmente porque as transições do curso de vida (que contribuem para uma menor versatilidade do comportamento desviante) são úteis para intervir, monitorizar e integrar estes indivíduos no futuro (Kazemian, 2007). Embora o comportamento desviante seja abordado a nível teórico, tanto quanto se sabe não existem estudos em Portugal que se foquem nos fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante, o que torna esta uma problemática de relevo no contexto Português. Devido a isto, surgem algumas questões que permanecem sem resposta, principalmente pela inexistência de estudos que se foquem exclusivamente em explorar os fatores protetores e de risco enquanto preditores da versatilidade do comportamento desviante em jovens adultos, sendo esta uma mais-valia para a teoria do crime; pelo que se constata que persiste uma lacuna na literatura. Além da literatura que explora o comportamento desviante em jovens adultos ser escassa (Francis, Soothill & Fligelstone, 2004), continua a não abordar os fatores protetores e fatores de risco que poderão estar relacionados com comportamento desviante numa amostra de jovens adultos. Neste sentido, a presente investigação torna-se pertinente pois tem como objetivo explorar, analisar e compreender o impacto dos fatores protetores e dos fatores de risco associados ao curso de vida na versatilidade do comportamento desviante numa amostra de jovens adultos.

Posto isto, propõem-se duas hipóteses:

**Hipótese 1:** a presença de fatores de proteção e de fatores de risco está relacionada com a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida.

**Hipótese 2:** a mudança nos fatores protetores e nos fatores de risco nos últimos 12 meses está associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante durante esse mesmo período.

## METODOLOGIA

### 1. Participantes

A amostra da presente investigação foi recolhida em 2 momentos diferentes. No primeiro momento de recolha, a amostra é composta por 617 jovens adultos da população comunitária portuguesa entre os 18 e os 20 anos de idade (idade média de 18.87 anos). É de salientar que, da amostra total, 228 (36.95%) são do sexo masculino e 389 (63.05%) do sexo feminino. Quanto às habilitações literárias, 65 (10.53%) têm o ensino básico, 473 (76.66%) têm o ensino secundário e 79 (12.80%) têm o ensino superior. Relativamente ao estatuto socioeconómico, 204 (33.89%) referem ser de um estatuto socioeconómico baixo, 310 (51.50%) de um estatuto socioeconómico médio e 88 (14.62%) mencionam pertencer a um estatuto socioeconómico alto. No que concerne à etnia, 506 (82.95%) são portugueses com ascendência portuguesa e 104 (17.05%) de minorias étnicas e/ou culturais ou emigrante. Quanto à ocupação e atividade profissional, 17 (2.80%) não possuem qualquer atividade (seja profissional ou escolar), 54 (8.80%) referem trabalhar, 483 (78.44%) mencionam ser apenas estudantes e, por fim, 62 (10.10%) são trabalhadores-estudantes (e.g., estudam e trabalham).

A recolha da amostra do primeiro momento foi efetuada em múltiplos locais do território nacional português, tais como escolas secundárias, escolas profissionais, estabelecimentos de ensino superior, locais de trabalho, entidades sociais, entidades desportivas e entidades de lazer. Por forma a ser possível controlar o máximo de variáveis possível, foi essencial ter em conta alguns critérios de exclusão, tais como: a) incapacidade de alguns indivíduos preencherem o protocolo pelo desconhecimento da língua portuguesa; b) problemas de saúde mental relevantes; c) ausência de habilitações literárias que permitissem o preenchimento correto do protocolo.

No segundo momento de recolha recolheu-se uma subamostra de 50 jovens adultos da população comunitária portuguesa entre os 18 e os 20 anos de idade (idade média de 18.66 anos) que, no final do primeiro momento demonstrou interesse em participar na fase seguinte do estudo. Desta subamostra, 8 (16%) são do sexo masculino e 42 (84%) do sexo feminino. Quanto às habilitações literárias, 2 (4%) têm o ensino básico, 40 (80%) têm o ensino secundário e 8 (16%) têm o ensino superior. No estatuto socioeconómico, 8 jovens (16%) mencionam pertencer ao estatuto baixo, 35 (70%) ao estatuto médio e 7 (14%) ao estatuto alto. Relativamente à etnia dos indivíduos da amostra, 45 (90%) são portugueses com ascendência portuguesa e 5 (10%) de minorias étnicas e/ou culturais ou comunidade emigrante.

Por fim, 1 participante (2%) não tem qualquer tipo de ocupação nem de atividade profissional, 5 (10%) só trabalham, 36 (72%) só estudam e 8 (16%) trabalham e estudam em simultâneo. No segundo momento, a recolha da amostra deu-se via *online*, através do preenchimento de um questionário *online*, tendo este sido enviado aos indivíduos que aceitaram participar na segunda fase do estudo, sendo que, neste questionário, constavam exatamente as mesmas questões da primeira fase (e.g., os mesmos instrumentos).

As características sociodemográficas do primeiro e do segundo momento encontram-se devidamente detalhadas na Tabela 1, pelo que podem ser facilmente consultadas.

**Tabela 1.** Dados Sociodemográficos.

Variáveis Sociodemográficas		Amostra Total (N = 617)		Subamostra (N = 50)	
		Primeiro momento		Primeiro e segundo momento	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		18.87	.82	18.66	0.77
Escolaridade		11.40	1.29	11.74	1.01
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Sexo	Masculino	228	36.95	8	16.00
	Feminino	389	63.05	42	84.00
Habilitações Literárias	Ensino Básico	65	10.53	2	4.00
	Ensino Secundário	473	76.66	40	80.00
	Ensino Superior	79	12.80	8	16.00
Estatuto Socioeconómico	Baixo	204	33.89	8	16.00
	Médio	310	51.50	35	70.00
	Alto	88	14.62	7	14.00
Minoria Étnica	Não	506	82.95	45	90.00
	Sim	104	17.05	5	10.00
Ocupação	Não Trabalha nem Estuda	17	2.80	1	2.00
	Só Trabalha	54	8.80	5	10.00
	Só Estuda	483	78.44	36	72.00
	Trabalha e Estuda	62	10.10	8	16.00

## 2. Instrumentos

### 2.1. Questionário Geral sobre a Situação Geral e Familiar

Tal como o título sugere, este questionário foi aplicado com o intuito de se recolher dados gerais do participante, nomeadamente dados sociodemográficos, idade, sexo, constituição do agregado familiar, nível de escolaridade, etnia, ocupação e atividade profissional, entre outros (Anexo II).

### 2.2. Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBV; Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016)

Esta escala de avaliação (Anexo III) visa apurar o envolvimento dos adolescentes em comportamentos desviantes no último ano, através do autorrelato. Conta com um total de 19 itens apresentados na forma de escala nominal dicotómica, com resposta de “Sim” ou “Não”, onde cada item se refere a um comportamento desviante específico (e.g., item 3 – consumo de estupefacientes; item 5 – agressão). Contudo, é de salientar que os 19 itens visam diversos níveis de gravidade e de frequência do mesmo comportamento desviante específico, particularmente: a) consumo de estupefacientes (e.g., “Consumiste cocaína ou heroína”; “Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)”); b) tráfico de estupefacientes (e.g., “Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc...)”); c) agressão (e.g., “Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)”); d) vandalismo/destruição (e.g., “Estragaste ou destruiste bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc”; Fizeste graffitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)”); e) roubo (e.g., “Roubaste alguma coisa que valesse mais de 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.); “Assaltaste um carro, uma casa, loja, escola ou outro edifício”). Relativamente às capacidades psicométricas da escala, observa-se uma consistência interna de  $\alpha = 0.829$ , o que indica uma capacidade psicométrica adequada (Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016).

## 3. Procedimento

A presente investigação encontra-se inserida num projeto de investigação do ISPA – Instituto Universitário intitulado de “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), que tem como objetivo explorar fatores relacionados com o ajustamento psicossocial e comportamento

pro/antissocial no início da vida adulta, sendo que o contributo pessoal para a investigação foi participar ativamente na recolha de dados da terceira e última fase do projeto. É importante salientar que este projeto foi aprovado pela Comissão de Ética do Instituto Universitário anteriormente mencionado, permitindo, assim, a concretização deste estudo.

A recolha de dados deu-se em dois momentos, por forma a permitir um estudo de desenho longitudinal. Assim sendo, o primeiro momento de recolha sucedeu-se presencialmente, tanto em grupo como em sala de aula. Antes de se proceder à passagem do protocolo (duração média de 20 a 25 minutos), foi devidamente explicado aos participantes, o processo de preenchimento do protocolo (sendo este voluntário, anónimo e confidencial), o objetivo do presente estudo e a possibilidade de desistência e/ou recusa em qualquer momento. Após isto, assinado o consentimento informado (Anexo I) e a declaração do seu interesse em participar na segunda fase, solicitou-se o *e-mail* (por forma a ser contactado novamente). Para o segundo momento de recolha, que ocorreu sensivelmente 1 ano após a recolha do primeiro momento, contactaram-se os participantes que tinham aceitado participar no segundo momento ( $N = 50$ ). Assim sendo, foi enviado um questionário *online* com as mesmas questões da primeira fase, que integrava o Questionário Geral sobre a Situação Geral e Familiar e a Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBV; Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016).

Após a recolha dos dois momentos, procedeu-se à elaboração de uma base de dados com toda a informação recolhida e à consequente análise dos mesmos com auxílio do programa de análise estatística IBM® SPSS® STATISTICS 25.0 (Chicago IL, USA). A análise de dados foi efetuada através de diversos procedimentos estatísticos. Inicialmente, foram realizados coeficientes de correlação de *Pearson* com o objetivo de verificar se existe alguma relação entre o comportamento desviante, o número de pares desviantes e os fatores protetores. Posteriormente, foi realizada uma Regressão Linear Múltipla para averiguar quais as variáveis que afetam significativamente a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses; e uma Regressão Linear Múltipla para averiguar quais as variáveis que afetam significativamente a versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida. Por fim, para ser possível efetuar-se uma correlação de *Spearman* entre a mudança nos 5 fatores protetores (nos últimos 12 meses) e a versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período, calculou-se a diferença entre o segundo e o primeiro momento ( $T2 - T1$ ) para os 5 fatores, por forma a averiguar as mudanças ocorridas no intervalo dos dois momentos, ou seja, nos últimos 12 meses.

## RESULTADOS

No presente capítulo serão apresentadas inicialmente as análises dos coeficientes de Correlação de *Pearson* com o objetivo de se verificar se existe alguma relação entre o comportamento desviante (12 meses e ao longo da vida), o número de pares desviantes e os fatores protetores. De seguida, são expostas Regressões Lineares de forma a averiguar quais as variáveis que afetam significativamente a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses, e para averiguar quais as variáveis que afetam significativamente a versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida. Por último, apresenta-se uma Correlação de *Spearman* com fim a apurar a associação entre a mudança nos 5 fatores protetores (nos últimos 12 meses) e a versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período.

### **1. Correlação de *Pearson* entre a presença de fatores protetores e indicadores antissociais**

De modo a que seja possível analisar possíveis associações entre as variáveis em estudo, foram realizadas correlações entre as mesmas, que podem ser consultadas na tabela 2, sendo que os resultados indicam que o comportamento desviante nos últimos 12 meses está significativamente correlacionada com o lazer ( $r = .10, p < 0.01$ ) e com a religião praticante ( $r = -.08, p < 0.05$ ). Assim sendo, dos 6 fatores protetores avaliados, apenas 4 revelaram encontrar-se correlacionados significativamente com o comportamento desviante. Enquanto o lazer se encontra associado positivamente com o comportamento desviante nos últimos 12 meses e com o número de pares desviantes, ou seja, quanto maior for o nível de lazer verificado, maior será o comportamento desviante, a religião praticante, por sua vez, encontra-se associada negativamente com o comportamento desviante tanto nos últimos 12 meses como ao longo da vida, portanto, quanto maior for o envolvimento numa comunidade religiosa (e.g., maior nível de prática religiosa), menor será o comportamento desviante.

Tal como já referido, existe ainda uma correlação significativa entre o número de pares desviantes e o lazer ( $r = .08, p < 0.05$ ). Assim sendo, como a correlação é positiva, é possível constatar que à medida que as atividades de lazer aumentam, aumenta também o número de pares desviantes.

**Tabela 2.** Correlação de *Pearson* entre o comportamento desviante, o número de pares desviantes e os fatores protetores.

	Comportamento desviante - 12 meses	Comportamento desviante - longo da vida	Nº de pares desviantes
Escolaridade	-0.00	0.01	0.01
Nunca Reprovou	-0.05	-0.05	-0.02
Lazer	0.10**	0.06	0.08*
Desporto	0.03	0.02	0.01
Religião Praticante	-0.08*	-0.12**	-0.01
Mudança Cidade	-0.00	-0.03	-0.01

\*\* . A correlação é significativa no nível 0.01 (1 extremidade).

\* . A correlação é significativa no nível 0.05 (1 extremidade).

## **2. Regressão Linear Múltipla para explorar a versatilidade dos comportamentos desviantes em função dos fatores protetores**

Quanto à regressão linear para explorar a versatilidade dos comportamentos desviantes em função dos fatores protetores nos últimos 12 meses, os resultados presentes na tabela 3 traduzem que o modelo é significativo ( $R^2 = .08$ ,  $p < 0.001$ ) e que os únicos preditores significativos neste modelo são o sexo ( $\beta = -.07$ ,  $p < 0.001$ ) e o lazer ( $\beta = .03$ ,  $p = 0.049$ ). Destes dois preditores, o sexo é o que tem mais peso sobre a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses ( $\beta = -.23$ ,  $p < 0.001$ ), sendo que o modelo global explica 7.9% da variância ( $F(7, 548) = 6.679$ ,  $p < .01$ ).

**Tabela 3.** Regressão Linear Múltipla entre os fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses

Fatores Protetores	Comportamento desviante - últimos 12 meses			
	B	SE	$\beta$	<i>p</i>
(Constante)	0.01	0.15		.969
Sexo	-0.07	0.01	-0.23	<.001
Idade	0.01	0.01	0.07	.103
Lazer	0.03	0.02	0.09	.049
Desporto	-0.01	0.02	-0.03	.516
Religião Praticante	-0.03	0.01	-0.08	.065
Mudança Cidade	0.00	0.02	0.01	.888
Nunca Reprovou	-0.01	0.01	-0.04	.325
$R^2$			0.08	
<i>p</i>			<.001	
<i>Df</i>			7	

Relativamente à Regressão Linear para explorar a versatilidade dos comportamentos desviantes em função dos fatores protetores ao longo da vida, os resultados presentes na tabela 4 indicam que o modelo é significativo ( $R^2 = 0.08$ ,  $p < 0.001$ ) e que os únicos preditores significativos neste modelo são o sexo ( $\beta = - 1.61$ ,  $p < 0.001$ ), a idade ( $\beta = 0.58$ ,  $p = 0.003$ ) e a religião praticante ( $\beta = - 0.86$ ,  $p = 0.015$ ). Destes preditores, o sexo é o que tem mais peso sobre a versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida ( $\beta = - 0.21$ ), seguido da idade ( $\beta = 0.13$ ), e finalmente da religião praticante ( $\beta = - 0.10$ ). Este modelo de regressão explica 7.9% da variância ( $F(7, 551) = 6.749$ ,  $p < .01$ )

**Tabela 4.** Regressão Linear entre os fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida.

Fatores Protetores	Comportamento desviante – longo da vida			
	B	SE	$\beta$	<i>p</i>
(Constante)	-5.06	3.67		.169
Sexo	-1.61	0.33	-0.21	<.001
Idade	0.58	0.19	0.13	.003
Lazer	0.29	0.36	0.04	.431
Desporto	-0.08	0.35	-0.01	.815
Religião Praticante	-0.86	0.35	-0.10	.015
Mudança Cidade	0.51	0.56	0.04	.359
Nunca Reprovou	-0.24	0.31	-0.03	.448
R <sup>2</sup>			0.08	
<i>p</i>			<.001	
<i>Df</i>			7	

### 3. Correlação de *Spearman* entre a mudança nos 5 fatores protetores nos últimos 12 meses e a versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período

Posteriormente, realizou-se a correlação de *Spearman*, de modo a verificar se a mudança nos 5 fatores protetores nos últimos 12 meses se encontra associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período. Para tal, foi calculada a diferença entre os dados do segundo e do primeiro momento (T2 – T1) dos 5 fatores protetores selecionados previamente (e.g., lazer, desporto, religião, mudança de cidade e escolaridade). Os resultados demonstraram que a mudança nos 5 fatores protetores nos últimos 12 meses não se encontra associada à versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período. Deste modo, não existem diferenças significativas entre a mudança nos 5 fatores protetores (nos últimos 12 meses) e a versatilidade do comportamento desviante nesse mesmo período, conforme é observável na tabela 5.

**Tabela 5.** Correlação de *Spearman* entre a mudança nos fatores protetores e a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses.

Fatores Protetores	Comportamento desviante - últimos 12 meses	Sig.
Lazer (T2 – T1)	-.09	.28
Desporto (T2 – T1)	.04	.40
Religião (T2 – T1)	.22	.07
Mudança de cidade (T2 – T1)	-.05	.37
Escolaridade (T2 – T1)	.03	.41

## DISCUSSÃO

A presente investigação teve como hipóteses: (1) a presença de fatores de proteção e de fatores de risco está relacionada com a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida; (2) a mudança nos fatores protetores e nos fatores de risco nos últimos 12 meses está associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante durante esse mesmo período. Ainda que existam alguns estudos que abordem o comportamento desviante (Sampson & Laub, 1993; 2003; 2005; 2016), estes não se debruçam em explorar a transição da adolescência para a vida adulta nem em relacionar esta transição com os fatores protetores e fatores de risco associados ao curso de vida. Assim, esta investigação torna-se particularmente relevante no contexto português pois tanto quanto se sabe, não existem estudos que relacionem e analisem os fatores protetores e de risco associados ao curso de vida com a versatilidade do comportamento desviante num curto espaço de tempo (e.g., 12 meses) e numa amostra de jovens adultos portugueses entre os 18 e os 20 anos. Além disso, a importância desta investigação é reforçada por, durante este período da vida (e.g., final da adolescência ou início da vida adulta), suceder um amadurecimento pessoal próprio do jovem e uma estabilidade emocional que levam ao desenvolvimento do raciocínio moral, o que afeta significativamente a versatilidade de comportamentos desviantes (Lussier, Mcuish & Corrado, 2015).

De modo a facilitar a leitura e a compreensão, a discussão encontra-se dividida em 5 secções. As primeiras duas dizem respeito à discussão dos resultados das hipóteses colocadas, sendo analisadas de acordo com os resultados obtidos e com a literatura. Posteriormente, são apresentadas outras três secções que abordam respetivamente, as limitações e estudos futuros, as recomendações clínicas e implicações políticas e sociais e, por último, as considerações finais.

### **1. Relação entre a presença de fatores de proteção e de risco e a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida**

De acordo com a primeira hipótese proposta na presente investigação (e.g., a presença de fatores de proteção e de fatores de risco está relacionada com a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida), na medida que o envolvimento e a prática numa comunidade religiosa e o sexo feminino foram preditores significativos da versatilidade do comportamento desviante, encontrando-se inversamente associados, pelo que poderão funcionar como fatores protetores.

Relativamente ao facto de a religião praticante predizer a versatilidade do comportamento desviante, os resultados sugerem que o envolvimento e a prática numa comunidade religiosa parecem estar associados a uma menor versatilidade de comportamentos desviantes. Assim sendo, os resultados são congruentes com a literatura recente e com a hipótese proposta na presente investigação. A literatura recente (Johnson & Jang, 2010; Kelly, Polanin, Jang & Johnson, 2015) revela que religiosos praticantes e inseridos numa comunidade religiosa são menos propensos a envolverem-se em comportamentos desviantes e a terem uma menor versatilidade de comportamentos desviantes. Os estudos desenvolvidos por Johnson e Jang (2010) e por Adamczyk (2012) vão ao encontro com esta ideia, sugerindo que a prática regular de uma religião influencia positivamente o envolvimento em comportamentos prossociais, diminuindo simultaneamente a versatilidade do comportamento desviante. Tal pode ser justificado pelos estudos de Chui, Cheng e Wong (2013) e de Black (2015), que indicam que independentemente da comunidade religiosa que o indivíduo se insira (e.g., Judaísmo, Islamismo, Cristianismo, Budismo, Hinduísmo, entre outras) e de cada religião ter as suas próprias tradições, rituais e cerimónias (e.g., missas, cultos) existe algo em comum, a tendência para o pensamento racional, para a presença de crenças e valores e para a adoção de comportamentos corretos e bem vistos socialmente; sugerindo igualmente que indivíduos religiosos praticantes são mais tolerantes, sinceros e ponderados nas suas ações e nos seus comportamentos. Por sua vez, Chui, Cheng e Wong (2013) sugerem igualmente que religiões como o Budismo, mais ligadas à filosofia, incentivam que o comportamento do indivíduo praticante incida na ponderação, na calma, na meditação, no pensamento e na reflexão, o que tem uma influência direta e positiva na versatilidade de comportamentos desviantes. Contudo, estes autores (Chui, Cheng & Wong, 2013) expõem que apenas a prática religiosa não tem impacto na versatilidade de comportamentos desviantes, pois praticar por si só não tem influência suficiente se o indivíduo não der a devida importância à religião, ou seja, considerá-la essencial na sua vida, seguindo as suas doutrinas e ensinamentos.

A par disso, estes resultados inserem-se na perspetiva de Bandura e Walters (1977), particularmente nas suas Teorias da Aprendizagem Social, quando indicam haver uma relação significativa sobre como os fatores pessoais (e.g., vínculos afetivos que estabelece com terceiros), comportamentos de outros significativos e outras variáveis (e.g., contexto social, grupos a que pertence) afetam os comportamentos, ações e pensamentos do indivíduo. Neste sentido, será plausível sugerir que o envolvimento numa comunidade religiosa e a

participação em atividades associadas à religião (e.g., voluntariado, grupos bíblicos), influenciam os comportamentos, ações e pensamentos do indivíduo, podendo conduzir a uma menor versatilidade do comportamento desviante. Em conformidade com esta perspetiva, as investigações de Johnson e Morris (2008) e de Jang (2013) justificam o facto do envolvimento e da prática numa comunidade religiosa parecer estar associado a uma menor versatilidade do comportamento desviante, na medida em que o indivíduo se encontra exposto a crenças, valores, ideias e ensinamentos, ficando conseqüentemente mais motivado a comportar-se de maneira convencional (e.g, não desviante) e a seguir os ensinamentos, doutrinas e ideais da religião em que se insere, que poderão ser mais facilmente aceites a nível social. Nesta linha, um estudo de Jang (2013) indica que a prática regular de uma religião promove também o aumento dos níveis de autocontrolo do próprio indivíduo, fortalece o vínculo e o relacionamento com os outros praticantes (e.g., da sua religião), sendo esta relação legal e socialmente aceite. Adicionalmente, Johnson, Larson, De Li e Jang (2000) expõe que a prática regular de uma religião promove o envolvimento do indivíduo num grupo coeso, socialmente aceite e legal, e noutras atividades associadas à religião (e.g., voluntariado, grupos bíblicos) que implicam um maior envolvimento e comprometimento religiosos, tendo um efeito de proteção na versatilidade do comportamento desviante.

Os resultados da investigação revelam ainda que ser do sexo feminino parece estar associado a uma menor versatilidade de comportamentos desviantes, seguindo assim no mesmo sentido da literatura. De acordo com a investigação de Mazerolle, Brame, Paternoster, Piquero e Dean (2000), de Moffitt e Caspi (2001) e de Lauritsen, Heimer e Lynch (2009), indivíduos do sexo feminino possuem uma menor versatilidade do comportamento desviante ao longo da vida, cometendo delitos menores e menos graves, comparativamente a indivíduos do sexo masculino. Nesta mesma linha, Moffitt (2009) sugere que indivíduos do sexo feminino possuem maior tendência em adotar uma trajetória limitada à adolescência, pelo que o envolvimento em comportamentos desviantes diminui progressivamente, terminando no final da adolescência ou logo após o início da vida adulta. Deste modo, Moffitt (2009) sugere igualmente que o sexo feminino é um fator de proteção para o comportamento desviante.

A literatura recente, particularmente um estudo desenvolvido por Duarte e Carvalho (2017), revela que a versatilidade do comportamento desviante no sexo feminino encontra-se relacionada com uma maior propensão da mulher para resolver conflitos sociais (e.g., com a família e com os pares), para se afastar de contextos sociais disruptivos, para ponderar os seus atos, para desenvolver mais cedo a sua moralidade e para uma maior facilidade em controlar a

sua impulsividade, comparativamente ao sexo masculino. Além disto, tendo em conta Hubbard e Pratt (2002), Piquero, Gover, MacDonald e Piquero (2005) e Daigle, Cullen e Wright (2007), a versatilidade de comportamentos desviantes no sexo feminino está intimamente relacionada com o facto de a mulher possuir uma maior tendência para efetuar reflexões recorrentes da exposição aos fatores de risco, uma maior ponderação das consequências face aos benefícios do comportamento desviante e uma maior consciencialização do impacto futuro dos seus comportamentos. Similarmente, os resultados do estudo de Chapple, McQuillan e Berdahl (2005) indicam que ao longo do curso de vida, as mulheres estabelecem um maior vínculo e uma maior ligação com a sociedade, negando por isso o envolvimento em comportamentos desviantes. Esta investigação é congruente com o trabalho Sampson e Laub (2005) que expõem que a perpetuação de comportamentos desviantes se deve ao comprometimento do vínculo e da ligação com a sociedade que o indivíduo pertence, salientando que a força deste vínculo inibirá a intenção de se envolver em comportamentos desviantes.

Por fim, ainda referente à primeira hipótese (e.g., a presença de fatores de proteção e de fatores de risco está relacionada com a versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida) é de salientar que os restantes fatores estudados, particularmente o lazer e o desporto (e.g., a nível escolar), não foram preditores significativos da versatilidade do comportamento desviante. Os resultados sugerem então que a prática de atividades de lazer e de desporto de forma regular, não parecem estar associados a uma menor versatilidade de comportamentos desviantes, seguindo no mesmo sentido da evidência empírica, no entanto, não segue no sentido da linha de investigação. À luz destes resultados a literatura recente (Thomas, 2015; Hoeben & Weerman, 2016; Hinnant & Forman-Alberti, 2019) suporta que durante a adolescência e início da vida adulta, o jovem é um ser ainda mais social (e.g., comparativamente ao restante curso da sua vida), privilegiando o seu grupo de pares, os grupos de atividades em que se encontra inserido (e.g., grupos de lazer, desporto) e o tempo de interação com estes, o que poderá justificar estes resultados.

Especificamente à integração e à pertença a grupos de lazer, estudos recentes desenvolvidos por Tanner, Asbridge e Wortley (2015) e por Kang, Tanner e Wortley (2018) revelam que as rotinas, a partilha de tempo e de espaço e a participação regular nestes grupos, através da socialização e da vinculação, promove a versatilidade de comportamentos desviantes. Segundo Kang, Tanner e Wortley (2018), tal é justificado por um maior contacto com outros pares (e.g., além dos pares da escola), um maior reforço e incentivo dos pares para

comportamentos desadequados e disruptivos e simultaneamente a presença de menos figuras de autoridade nestes contextos para exercer um controlo social (e.g., comparativamente ao contexto escolar). Por sua vez, relativamente à prática de desporto, um estudo recente de Denault e Poulin (2018) sugere que na prática desportiva regular o indivíduo tem contacto com um grupo (e.g., outros desportistas, treinador, equipa técnica) e que este possui influência na versatilidade do comportamento desviante pois promove consequentemente um aumento da socialização, do vínculo e da interação com o grupo de pares. Deste modo, tendo em conta a evidência empírica, independentemente da atividade que o indivíduo esteja envolvido, atividades de lazer ou atividades desportivas, existe algo em comum, o reconhecimento da influência do grupo e dos pares na versatilidade do comportamento desviante.

Neste sentido, as investigações recentes de Hoeben e Weerman (2016) e de Hinnant e Forman-Alberti (2019) indicam que ao longo desta fase da vida, o grupo de pares exerce bastante influência nos comportamentos do jovem, pelo que a socialização com um grupo de pares, o vínculo emocional criado com este grupo e os grupos de atividades em que se encontra inserido (e.g., grupos de lazer, de desporto) encontram-se associados à versatilidade de comportamentos desviantes, na medida em que se os pares adotam comportamentos desviantes, irão incentivar o jovem a esses mesmos comportamentos. Deste modo, a socialização, e consequentemente a pertença a um grupo de pares desviantes, por pressão desse grupo e por reforço positivo, promove e incentiva a versatilidade de comportamentos desviantes (Lansford, Dodge, Fontaine, Bates, & Pettit, 2014; Hinnant & Forman-Alberti, 2019). De acordo com Paternoster, McGloin, Nguyen e Thomas (2013), a influência do grupo é tão evidente nesta fase da vida, que a pertença a um grupo de pares aumenta em 38% a probabilidade de um jovem se envolver em comportamentos desviantes, percentagem esta que os autores consideram como elevada. A literatura exposta anteriormente vai ao encontro com as perspetivas de Moffitt (1993) e de Sampson e Laub (1993) que sugerem que os pares desviantes poderão ser então considerados como fatores de risco. Tal pode ser justificado pelo envolvimento em comportamentos desviantes e pela pertença a um grupo de pares desviantes impedirem as transições normativas e pró-sociais da adolescência para a vida adulta.

Em suma, os resultados encontram-se em concordância com a literatura e com a evidência empírica apresentada no presente capítulo. No entanto, apenas o envolvimento e a prática numa comunidade religiosa e o sexo feminino apresentam-se em conformidade com a linha de investigação. Os resultados sugeriram igualmente que a prática de atividades de lazer e de atividades de desporto, apesar de serem consistentes com a literatura apresentada, que

sugere que a pertença a grupos de lazer e de desporto promove uma versatilidade do comportamento desviante, não vão ao encontro com a linha de investigação, que tem como premissa que a presença destes mesmos fatores se encontra relacionada com uma menor versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida. Tal poderá ser justificado pelo facto da faixa etária da amostra (e.g., entre os 18 e os 20 anos) privilegiar o contacto com os pares, tanto na escola como em atividades extracurriculares, podendo estes reforçar e incentivar os comportamentos desviantes.

## **2. Relação entre a mudança nos fatores protetores e de risco e a mudança na versatilidade dos comportamentos desviantes nos últimos 12 meses**

A segunda hipótese desta investigação debruçou-se sobretudo em analisar se a mudança nos fatores protetores e nos fatores de risco nos últimos 12 meses - lazer, desporto, religião, mudança de cidade e escolaridade - está associada a mudanças substanciais na versatilidade do comportamento desviante durante esse mesmo período. Os resultados sugeriram que nenhum dos fatores estudados está associado a mudanças na versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses.

Estes resultados poderão ser justificados à luz dos estudos de Moffitt e Caspi (2001), de Loeber, Farrington, Stouthamer-Loeber e White (2008) e de Piquero, Hawkins e Kazemian (2012) que revelam que a prevalência de comportamentos desviantes em jovens observa-se essencialmente durante a adolescência, entre os 15 e os 19 anos de idade; e que a versatilidade de comportamentos desviantes manifesta-se até aos 20 anos e que só após esta idade é possível observar mudanças. O estudo de Loeber, Farrington, Stouthamer-Loeber e White (2008) vai ao encontro, sugerindo que apenas se observam mudanças na versatilidade de comportamentos desviantes entre os 20 e os 25 anos de idade, pois neste período ocorre um desenvolvimento da moralidade, mais concretamente da tomada de decisão. Esta ideia é igualmente congruente com o estudo de Fiedler e Glöckner (2015), que indica que a tomada de decisão moral, a avaliação da situação e as diversas opções de resposta, estão inteiramente relacionadas com o desenvolvimento do raciocínio moral, que se dá apenas na vida adulta (e.g., após os 25 anos).

A nível desenvolvimental, tanto a literatura exposta anteriormente como os resultados são congruentes com a perspectiva de Kohlberg (1973) e a sua Teoria do Desenvolvimento Moral, quando revela que apenas com o avançar da idade adulta é que ocorre a conformidade com os papéis sociais e a aceitação dos princípios morais, sucedendo simultaneamente o

esforço do próprio indivíduo para definir e seguir os valores e os princípios morais aplicados à autoridade e à justiça, refletindo sobre os comportamentos adequados e inadequados baseados nos valores da sociedade a que pertence, o que poderá justificar os resultados. Seguindo esta mesma linha, ainda a nível desenvolvimental, a Neuropsicologia indica que o desenvolvimento e o amadurecimento do córtex pré-frontal apenas termina perto dos 30 anos de idade, o que poderá igualmente justificar os resultados da presente investigação, pois os participantes, pela sua idade (e.g., 18 – 20 anos), não possuem o córtex pré-frontal totalmente desenvolvido e amadurecido, pelo que consequentemente as funções executivas não se encontram tão consolidadas, o que poderá estar relacionado com a ausência de mudança na versatilidade dos comportamentos desviantes. As funções executivas são responsáveis nomeadamente pela auto-regulação, pelo auto-controlo, por mediar, regular e controlar o comportamento afetivo e emocional, por mediar o raciocínio, pelo planeamento e avaliação das ações e dos comportamentos, encontrando-se por isso relacionada com o controlo dos impulsos, com o julgamento e com a tomada de decisão (Semrud-Clikeman & Ellison, 2009; Morawetz, Mohr, Heekeren & Bode, 2019).

Outra hipótese explicativa para estes resultados poderá ser a Teoria do Controlo Social Informal, de Sampson e Laub (1993), que sugere que a versatilidade de comportamentos desviantes encontra-se inteiramente relacionada com as experiências de socialização, pelo que experiências pobres, nomeadamente com pares desviantes, promovem uma maior versatilidade de comportamentos desviantes. Os autores (Sampson & Laub, 1993) indicam também que para serem observadas mudanças na versatilidade do comportamento desviante, terá que existir um aumento exponencial (e considerável) do controlo social informal no jovem e o estabelecimento de novos vínculos sociais num contexto social diferente, que dependem da mudança nos fatores protetores. De acordo com Sampson e Laub (2005), a versatilidade do comportamento desviante deve-se igualmente ao comprometimento (e.g., diminuição) do vínculo entre o jovem e a sociedade em que este se insere, pelo que, para se observar uma mudança na versatilidade do comportamento desviante, o vínculo com a sociedade terá que ser reforçado (e.g., aumentado). Estes autores (Sampson & Laub, 1993; 2005) salientam ainda que as alterações no controlo social informal, nos fatores protetores e nos vínculos sociais relacionam-se com o passar do tempo e com o avançar da idade.

Por último, salienta-se que o período temporal entre os dois momentos de recolha, de apenas 12 meses (e.g., curto prazo), poderá igualmente justificar estes resultados, visto que a mudança na versatilidade dos comportamentos desviantes é considerada um processo gradual,

demorado e complexo (Farrington & Wikström, 1994; Kazemian, 2007). Além disso, no seu estudo, Farrington e Wikström (1994) sugerem que para serem observadas mudanças na versatilidade do comportamento desviante é necessário efetuar-se um estudo de desenho longitudinal a longo prazo e com diversos momentos de recolha. Por sua vez, Kazemian (2007) reforça que a mudança na versatilidade do comportamento desviante não se dá se forma abrupta nem num curto espaço de tempo, revelando igualmente que apenas os estudos longitudinais a longo prazo e o acompanhamento do participante após a adolescência permitem uma maior fiabilidade dos resultados e uma maior certeza acerca da mudança na versatilidade do comportamento desviante.

Uma investigação desenvolvida por Piquero, Blumstein, Brame, Haapanen, Mulvey e Nagin (2001) é congruente com estas perspetivas, demonstrando que apenas se observam mudanças no comportamento desviante quando se acompanha e efetua diversas recolhas longitudinais ao longo do curso de vida do participante, nomeadamente durante a infância, a adolescência e a vida adulta pois só assim é possível compreender e observar mudanças no comportamento desviante e na versatilidade deste comportamento. Deste modo, sugere-se que o período temporal entre os dois momentos de recolha da presente investigação, de apenas 12 meses, foi insuficiente para serem observadas mudanças na versatilidade dos comportamentos desviantes.

### **3. Limitações e Estudos Futuros**

A presente investigação apresenta algumas limitações que serão de seguida abordadas. Ainda que o primeiro momento de recolha da amostra conte com um número substancial de jovens adultos ( $N = 617$ ), o segundo momento visa uma subamostra considerada reduzida ( $N = 50$ ), o que implicou uma perda considerável de participantes entre os dois momentos, com perdas para a representatividade do segundo momento e para as possibilidades de executar diferentes procedimentos estatísticos. Ainda relacionado com os participantes, é de referir a idade limitada destes (e.g., idade compreendida entre os 18 e os 20 anos), o que permite apenas explorar os fatores preditores da versatilidade do comportamento desviante numa faixa etária bastante reduzida. Um outro aspeto a considerar prende-se com a recolha ter sido efetuada em dois momentos distintos com a diferença de apenas um ano, o que poderá explicar o facto de nenhum dos fatores protetores se encontrar associado a uma menor versatilidade do comportamento desviante pois o período estudado é bastante reduzido, não sendo suficiente para serem observadas mudanças significativas. Outra limitação passa pela

amostra ter sido selecionada por conveniência. O facto de os questionários serem de autorrelato também constitui por si só uma limitação do estudo pois os participantes poderão não ter respondido com sinceridade e baseado nos factos reais, mas sim respondido com base na desejabilidade social, isto é, responder consoante o que é socialmente aceite por terceiros, algo bastante recorrente neste tipo de população. Assim sendo, sugere-se a utilização de questionários ou instrumentos que contornem o autorrelato, ou dos dados serem baseados em condenações oficiais.

Adicionalmente, para estudos futuros, recomenda-se aumentar o período temporal entre os diversos momentos de recolha, ou seja, um maior intervalo temporal entre os momentos de recolha. Do mesmo modo, no futuro, a amostra deverá, além de ser maior, ser igualmente representativa da população jovem e contemplar um maior número de momentos de recolha (ao invés de apenas dois), de forma a aumentar-se o número de participantes nos diversos momentos de recolha do estudo (principalmente a partir do segundo momento) e obter uma maior representatividade.

Outro aspeto importante a considerar seria aumentar a faixa etária da amostra, podendo mesmo abranger participantes desde a terceira infância (e.g., a partir dos 6 anos) até à idade da reforma (e.g., 67 anos em Portugal). Deste modo, seria possível estudar o desenvolvimento e a dinâmica dos comportamentos desviantes e as alterações com a idade, o que permitirá consequentemente a identificação de fatores de risco e a prevenção de comportamentos desviantes, com vista a atuar-se o mais precocemente possível, algo tão importante principalmente nas faixas etárias mais baixas.

Para além disto, seria relevante integrar e subdividir a amostra em delitos maiores e delitos menores, com fim a ser possível associar o tipo de delitos com os fatores preditores e com a versatilidade do comportamento desviante. Seria igualmente interessante questionar qual a religião que os indivíduos abdicaram e qual a religião que começaram a praticar, correlacionando estes dados com o tipo de delitos (e.g., delitos maiores e delitos menores).

#### **4. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais**

Os resultados da presente investigação sugerem que ser religioso e ser do sexo feminino está associado a uma menor versatilidade do comportamento desviante, pelo que poderão funcionar como fatores protetores. Do mesmo modo, foi igualmente sugerido que a mudança nos fatores estudados - lazer, desporto, religião, mudança de cidade e escolaridade – não se encontra associada à versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses.

Tendo em consideração os resultados desta investigação, são sugeridas algumas recomendações.

A nível escolar, como a amostra conta com jovens adultos da comunidade, salienta-se a importância dos estabelecimentos de ensino (e.g., do ensino básico ao ensino secundário) e do Psicólogo escolar na criação e implementação de programas educacionais, de programas de educação psicossocial e de *workshops* de carácter informativo e reflexivo. Estes programas deverão ser dirigidos a crianças e jovens de diversas faixas etárias (e.g., entre os 6 e os 18 anos) e de todos os ciclos de ensino (e.g., do primeiro ciclo ao terceiro ciclo), de forma a prevenir e a intervir nos comportamentos desviantes. Além disso, seria igualmente relevante intervir precocemente ao nível da prevenção e do combate ao insucesso e ao abandono escolar pois o aumento e a valorização da escolaridade poderá prevenir comportamentos desviantes futuros.

Por fim, sugere-se o investimento na formação de Psicólogos ao nível do Modelo Transteórico de Mudança (Prochaska & DiClemente, 1982), pois este possibilita trabalhar o processo de mudança em várias etapas e intervir ao nível da versatilidade dos comportamentos desviantes. A intervenção com base neste modelo torna-se uma mais-valia por ser efetuada numa perspetiva conjunta entre Psicólogo e jovem delinvente e por ser guiada pela motivação do próprio jovem, dado o objetivo ser este perceber os riscos dos comportamentos desviantes. Aliado a este modelo, seria igualmente relevante investir em entrevistas motivacionais, onde os principais objetivos incidem em identificar os comportamentos desviantes e consciencializar o jovem, principalmente quanto às consequências e benefícios do comportamento desviante.

## **5. Considerações Finais**

Ao longo dos anos a versatilidade do comportamento desviante tem vindo a ser abordada por alguns autores de renome (Sampson & Laub, 1993; 2003; 2005; 2016), porém, não são conhecidos estudos que se debrucem na relação entre a presença ou ausência dos fatores protetores associados ao curso de vida e a versatilidade do comportamento desviante em jovens adultos da comunidade portuguesa num curto espaço de tempo (e.g., 12 meses). A presente investigação teve como objetivo explorar, analisar e compreender o impacto dos fatores protetores e de risco associados ao curso de vida na versatilidade do comportamento desviante numa amostra de jovens adultos da comunidade. Esta investigação torna-se uma mais-valia pois permite um maior conhecimento acerca da versatilidade do comportamento

desviante e conhecer igualmente diversos fatores associados ao curso de vida, sendo que o conhecimento destes fatores é relevante pois possibilitará prevenir os comportamentos desviantes em jovens da comunidade, bem como intervir e monitorizar em jovens com comportamentos disruptivos de maiores dimensões. Outra vantagem desta investigação é a recolha ter sido efetuada em dois momentos distintos com a diferença de 12 meses, o que possibilitou consequentemente ter acesso a dados mais rapidamente e a analisar a mudança dos fatores em cada participante da subamostra ( $N = 50$ ) num curto espaço de tempo.

Os resultados desta investigação sugerem uma relação entre o ser religioso praticante e uma menor versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida, tal como, entre o sexo feminino e uma menor versatilidade dos comportamentos desviantes ao longo da vida (comparativamente ao sexo masculino), funcionando ambos como fatores protetores. No entanto, os resultados não suportaram a relação entre a mudança dos cinco fatores estudados (e.g., lazer, desporto, religião, mudança de cidade e escolaridade) e a versatilidade do comportamento desviante nos últimos 12 meses. Contudo, apesar disso, Pillemer (2001) argumenta que os fatores protetores poderão possuir especial importância a longo prazo em adolescentes e jovens adultos, pois influenciam o estabelecimento de objetivos e metas para o futuro.

## REFERÊNCIAS

- Abeling-Judge, D. (2016). Different social influences and desistance from crime. *Criminal Justice and Behavior*, 43(9), 1225-1241. doi: 10.1177/0093854816652639
- Adamczyk, A. (2012). Understanding delinquency with friendship group religious context. *Social Science Quarterly*, 93(2), 482-505. doi: 10.1111/j.1540-6237.2012.00839.x
- Bandura, A., & Walters, R. (1977). *Social learning theory*. New York City: General Learning Press.
- Basto-Pereira, M., Começanha, R., Ribeiro, S., & Maia, Â. (2015). Long-term predictors of crime desistance in juvenile delinquents: A systematic review of longitudinal studies. *Aggression and violent behavior*, 25, 332-342. doi: 10.1016/j.avb.2015.09.012
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. (2019). Advancing knowledge about lifelong crime sequences. *The British Journal of Criminology*, 59(2), 354-377. doi: 10.1093/bjc/azy033
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. (2020). Lifelong Conviction Pathways and Self-Reported Offending: Towards a Deeper Comprehension of Criminal Career Development. *The British Journal of Criminology*, 60(2), 285-302. doi: 10.1093/bjc/azz037
- Basto-Pereira, M., & Maia, Â. (2017). *Juvenile delinquency, crime and social marginalization: Social and political implications*. Emerald Publishing Limited. doi: 10.1108/978-1-78743-611-420171012
- Black, D. (2015). Religion as the affirmation of values. *British Journal of Psychotherapy*, 31(4), 510-523. doi: 10.1111/bjp.12171
- Bushway, S., Paternoster, R., & Brame, R. (2003). Examining the prevalence of criminal desistance. *Criminology*, 41(2), 423-448. doi: 10.1111/j.1745-9125.2003.tb00993.x
- Chapple, C., McQuillan, J., & Berdahl, T. (2005). Gender, social bonds, and delinquency: A comparison of boys' and girls' models. *Social Science Research*, 34(2), 357-383. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2004.04.003>

- Chui, W., Cheng, K., & Wong, L. (2013). Spirituality and punitiveness: An exploration of Christian, Buddhist, and non-religious attitudes towards crime. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 41(1), 1-15. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijlcj.2012.11.001>
- Daigle, L., Cullen, F., & Wright, J. (2007). Gender differences in the predictors of juvenile delinquency: Assessing the generality-specificity debate. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 5(3), 254-286. doi: <https://doi.org/10.1177/1541204007301289>
- Denault, A., & Poulin, F. (2018). A detailed examination of the longitudinal associations between individual and team sports and alcohol use. *Addictive behaviors*, 78, 15-21. doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.10.019>
- Duarte, V., & Carvalho, M. J. (2017). Female delinquency in Portugal: What girls have to say about their involvement in delinquency. *Gender Issues, Springer*, 34, 258-274. doi: 10.1007/s12147-017-9187-8
- Farrington, D. (2007). Advancing knowledge about desistance. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23(1), 125-134. doi: 10.1177/1043986206298954
- Farrington, D. (2009). AssBuilding Developmental and Life-Course Theories of Offending. In Cullen, F., Wright, J., & Blevins, K (Eds.), *Taking Stock: the status of criminological theory* (pp. 335-362). New Jersey: Transaction Publishers.
- Farrington, D., Ttofi, M., Crago, R., & Coid, J. (2014). Prevalence, frequency, onset, desistance and criminal career duration in self-reports compared with official records. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 24(4), 241-253. doi: 10.1002/cbm.1930
- Farrington, D., & Wikström, P. (1994) Criminal Careers in London and Stockholm: A Cross-National Comparative Study. In Weitekamp E., & Kerner, H. (Eds.), *Cross-National Longitudinal Research on Human Development and Criminal Behavior* (pp. 65-89). Dordrecht: Kluwer Academic.
- Fiedler, S., & Glöckner, A. (2015). Attention and moral behavior. *Current Opinion in Psychology*, 6, 139-144. doi: 10.1016/j.copsyc.2015.08.008

- Francis, B., Soothill, K., & Fligelstone, R. (2004). Identifying patterns and pathways of offending behaviour: A new approach to typologies of crime. *European journal of criminology*, 1(1), 48-87. doi: 10.1177/1477370804038707
- Glueck, S., & Glueck, E. (1950). Unraveling juvenile delinquency. *Juv. Ct. Judges J.*, 2, 32.
- Hinnant, J., & Forman-Alberti, A. (2019). Deviant peer behavior and adolescent delinquency: Protective effects of inhibitory control, planning, or decision making?. *Journal of research on adolescence*, 29(3), 682-695. doi: 10.1111/jora.12405
- Hoeben, E., & Weerman, F. (2016). Why is involvement in unstructured socializing related to adolescent delinquency?. *Criminology*, 54(2), 242-281. doi: <https://doi.org/10.1111/1745-9125.12105>
- Hubbard, D., & Pratt, T. (2002). A meta-analysis of the predictors of delinquency among girls. *Journal of Offender Rehabilitation*, 34(3), 1-13. doi: [https://doi.org/10.1300/J076v34n03\\_01](https://doi.org/10.1300/J076v34n03_01)
- Jang, S. (2013). *Religion and crime*. Oxford: Oxford University Press.
- Johnson, B., Larson, D., De Li, S., & Jang, S. (2000). Escaping from the crime of inner cities: Church attendance and religious salience among disadvantaged youth. *Justice Quarterly*, 17(2), 377-391. doi: <https://doi.org/10.1080/07418820000096371>
- Johnson, B., & Jang, S. (2010). Crime and religion: Assessing the role of the faith factor. In R. Rosenfeld, K. Quinet, & C. Garcia (Eds.), *Contemporary issues in criminological theory and research: The role of social institutions* (pp. 117–149). Wadsworth: U.S.A.
- Johnson, M., & Morris, R. (2008). The moderating effects of religiosity on the relationship between stressful life events and delinquent behavior. *Journal of criminal justice*, 36(6), 486-493. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2008.09.001>
- Kang, T., Tanner, J., & Wortley, S. (2018). Same routines, different effects: Gender, leisure, and young offending. *Justice Quarterly*, 35(6), 1030-1072. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/07418825.2017.1393549>

- Kazemian, L. (2007). Desistance from crime: Theoretical, empirical, methodological, and policy considerations. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 23(1), 5-27. doi: 10.1177/1043986206298940
- Kelly, P., Polanin, J., Jang, S., & Johnson, B. (2015). Religion, delinquency, and drug use: A meta-analysis. *Criminal Justice Review*, 40(4), 505-523. doi: 10.1177/0734016815605151
- Kohlberg, L. (1973). Stages and Aging in Moral Development - Some Speculations. *The Gerontologist*, 13(4), 497-502. doi:10.1093/geront/13.4.497
- Lansford, J., Dodge, K., Fontaine, R., Bates, J., & Pettit, G. (2014). Peer rejection, affiliation with deviant peers, delinquency, and risky sexual behavior. *Journal of youth and adolescence*, 43(10), 1742-1751. doi: 10.1007/s10964-014-0175-y
- Laub, J., & Sampson, R. (2001). Understanding desistance from crime. *Crime and justice*, 28, 1-69. doi: 10.1086/652208
- Laub, J., Sampson, R., & Sweeten (2009). Assessing Sampson and Laub's Life-Course Theory of Crime. In Cullen, F., Wright, J., & Blevins, K (Eds.), *Taking Stock: the status of criminological theory* (pp. 313-333). New Jersey: Transaction Publishers.
- Lauritsen, J., Heimer, K., & Lynch, J. (2009). Trends in the gender gap in violent offending: New evidence from the National Crime Victimization Survey. *Criminology*, 47(2), 361-399. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2009.00149.x>
- Loeber, R., Farrington, D., Stouthamer-Loeber, M., & White, H. (2008). *Violence and serious theft: Development and prediction from childhood to adulthood*. New York: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Lussier, P., McCuish, E., & Corrado, R. (2015). The adolescence-adulthood transition and desistance from crime: Examining the underlying structure of desistance. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, 1(2), 87-117. doi: 10.1007/s40865-015-0007-0

- Mazerolle, P., Brame, R., Paternoster, R., Piquero, A., & Dean, C. (2000). Onset age, persistence, and offending versatility: Comparisons across gender. *Criminology*, *38*(4), 1143-1172. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2000.tb01417.x>
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological review*, *100*(4), 674-701. doi: 10.1037/0033-295X.100.4.674
- Moffitt, T. (2009). A Review of Research on the Taxonomy of Life-Course Persistent Versus Adolescence-Limited Antisocial Behavior. In Cullen, F., Wright, J., & Blevins, K (Eds.), *Taking Stock: the status of criminological theory* (pp. 277-311). New Jersey: Transaction Publishers.
- Moffitt, T. (2017). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. In *Biosocial theories of crime* (pp. 69-96). Routledge.
- Moffitt, T., & Caspi, A. (2001). Childhood predictors differentiate life-course persistent and adolescence-limited antisocial pathways among males and females. *Development and psychopathology*, *13*(2), 355-375. doi: 10.1017/s0954579401002097
- Morawetz, C., Mohr, P., Heekeren, H., & Bode, S. (2019). The effect of emotion regulation on risk-taking and decision-related activity in prefrontal cortex. *Social cognitive and affective neuroscience*, *14*(10), 1109-1118. doi: 10.1093/scan/nsz078
- Nguyen, H., & Loughran, T. (2018). On the measurement and identification of turning points in criminology. *Annual Review of Criminology*, *1*, 335-358. doi: <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-032317-091949>
- Paternoster, R., McGloin, J., Nguyen, H., & Thomas, K. (2013). The causal impact of exposure to deviant peers: An experimental investigation. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, *50*(4), 476-503. doi: 10.1177/0022427812444274
- Pillemer, D. (2001). Momentous events and the life story. *Review of general psychology*, *5*(2), 123-134. doi: 10.1037/1089-2680.5.2.123

- Piquero, A., Blumstein, A., Brame, R., Haapanen, R., Mulvey, E., & Nagin, D. (2001). Assessing the impact of exposure time and incapacitation on longitudinal trajectories of criminal offending. *Journal of Adolescent Research, 16*(1), 54-74.
- Piquero, A., Farrington, D., & Blumstein, A. (2003). The criminal career paradigm. *Crime and justice, 30*, 359-506. doi: 10.1086/652234
- Piquero, A., Hawkins, J., & Kazemian, L. (2012). *From juvenile delinquency to adult crime: Criminal careers, justice policy, and prevention*. Oxford: Oxford University Press.
- Piquero, N., Gover, A., MacDonald, J., & Piquero, A. (2005). The influence of delinquent peers on delinquency: Does gender matter?. *Youth & Society, 36*(3), 251-275. doi: <https://doi.org/10.1177/0044118X04265652>
- Prochaska, J., & DiClemente, C. (1982). Transtheoretical therapy: toward a more integrative model of change. *Psychotherapy: theory, research & practice, 19*(3), 276-288. doi: <https://doi.org/10.1037/h0088437>
- Sampson, R. (2015). Crime and the life course in a changing world: Insights from Chicago and implications for global criminology. *Asian Journal of Criminology, 10*(4), 277-286. doi: 10.1007/s11417-015-9220-3
- Sampson, R., & Laub, J. (1993). *Crime in the Making: Pathways and Turning Points through Life*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sampson, R., & Laub, J. (2003). Life-course desisters? Trajectories of crime among delinquent boys followed to age 70. *Criminology, 41*(3), 555-592. doi: 10.1111/j.1745-9125.2003.tb00997.x
- Sampson, R., & Laub, J. (2005). A Life-Course View of the Development of Crime. *The Annals of the American Academy, 12*-45. doi: 10.1177/0002716205280075
- Sampson, R., & Laub, J. (2016). Turning points and the future of life-course criminology: reflections on the 1986 criminal careers report. *Journal of Research in Crime and Delinquency, 53*(3), 321-335. doi: 10.1177/0022427815616992

- Sanches, C., Gouveia-Pereira, M., Marôco, J., Gomes, H., & Roncon, F. (2016). Deviant behavior variety scale: development and validation with a sample of Portuguese adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29.
- Semrud-Clikeman, M., & Ellison, P. (2009). *Child Neuropsychology: Assessment and Interventions for Neurodevelopmental Disorders* (2<sup>a</sup>ed.). New York: Springer.
- Soothill, K., Fitzpatrick, C., & Francis, B. (2009). *Understanding Criminal Careers*. New York: Routledge.
- Tanner, J., Asbridge, M., & Wortley, S. (2015). Leisure worlds: Situations, motivations and young people's encounters with offending and victimization. *Youth & Society*, 47(2), 199-221. doi: <https://doi.org/10.1177/0044118X12456561>
- Thomas, K. (2015). Delinquent peer influence on offending versatility: Can peers promote specialized delinquency?. *Criminology*, 53(2), 280-308. doi: 10.1111/1745-9125.12069

## **ANEXOS**

## Anexo I: Consentimento Informado.



### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

O projeto de investigação científica “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), é conduzido por uma equipa de investigadores do Instituto de Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) – Instituto Universitário, englobando só em 2017/2018, cinco dissertações de mestrado.

Pretende-se estudar os fatores de risco e de proteção para o comportamento pró/anti-social, bem como para a integração social em jovens adultos da comunidade. Um dos fatores de risco estudados é o impacto das histórias de adversidade na infância e adolescência no início da idade adulta, nesse sentido, a participação de jovens adultos (entre os 18 e os 20 anos), com e sem experiências de adversidade, é essencial para o sucesso deste projeto.

A sua participação não lhe trará risco ou despesa e pode a qualquer momento recusar a continuidade da sua participação no estudo. A aplicação do questionário é realizada a várias pessoas e o consentimento informado é, desde início, separado das suas respostas, tornando impossível associar as suas respostas à sua identificação, **garantindo-lhe por isso, o máximo de confidencialidade**. Os resultados deste projeto poderão ajudar a moldar políticas públicas mais eficazes. **A sua participação é voluntária e os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e usados somente para fins científicos. Nesse sentido, por favor seja sincero.**

Caso aceite participar, pedimos de seguida o seu consentimento informado. Os investigadores disponibilizam-se para esclarecer quaisquer dúvidas, informações adicionais poderão ser obtidas através do e-mail: projetoispaprosocial@gmail.com. Muito Obrigado!

Eu, \_\_\_\_\_(nome completo), li e compreendi este documento e aceito participar no projeto científico: “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), dando o meu consentimento informado e tendo a garantia que todos os meus dados permanecerão confidenciais.

**O/A participante**

\_\_\_\_\_  
**(Assinatura)**

## Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar.

**ANTES DE COMEÇAR:** Para participar no 2º e 3º sorteio de vales (participando no 2º e 3º momento do estudo –preenchimento de um questionário online), por favor preencha o código, assim garantimos que se lembra deste código no 2º e 3º momento, sem que este dado revele a sua identificação, garantindo por isso a máxima confidencialidade. **Indicar 1ª letra do 1º nome, 1ª letra do 2º nome e o dia e o mês de nascimento.** Por exemplo, se o seu nome é João Silva Pinto e nasceu a 01/03/1986, o seu código será **J S 01 03**.

1ª letra do 1º nome	1ª letra do 2º nome	Dia de nascimento	Mês de nascimento
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

### Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar

1. Sexo Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/>	2. Qual a sua idade? _____ 3. Qual o seu nível de escolaridade? _____ (número máximo de anos de escola concluídos com sucesso) 4. Quantas vezes reprovou na escola? _____ (se nunca colocar "0")
5. É autónomo/a financeiramente? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	6. Se não é financeiramente independente, por favor indique: Pai: 6.1. Escolaridade _____ 6.2. Profissão _____ Mãe: 6.3. Escolaridade _____ 6.4. Profissão _____
7. Grupo étnico Português/a de ascendência portuguesa <input type="checkbox"/> Português/a de ascendência africana <input type="checkbox"/> Comunidade cigana de Portugal <input type="checkbox"/>	8. Cor da pele? Branca <input type="checkbox"/> Negra <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/>
9. O que faz? Trabalha <input type="checkbox"/> Estuda <input type="checkbox"/> Trabalha e estuda <input type="checkbox"/> Não trabalha nem estuda <input type="checkbox"/>	10. Se trabalha, por favor indique, em que trabalha? (e.g. enfermeiro/a)? _____
11. Com quem vive? Parceiro/a <input type="checkbox"/> Pai/s <input type="checkbox"/> Sozinho/a <input type="checkbox"/> Amigos/as <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/>	13. Tem filhos/as? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
12. Quantas pessoas vivem consigo na mesma casa? _____	14. Os seus filhos/as vivem consigo? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
15. Tem alguma actividade de lazer (legal) que pratique de forma regular? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	16. Pratica desporto regularmente? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
17. Está ou já esteve nas forças armadas? (e.g., exército) Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	18. Tem alguma religião? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
19. É praticante dessa religião? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	20. Mudou de cidade no último ano? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
21. Quantos amigos tem? _____	22. Dos amigos que tem, quantos já estiveram (ou estão) presos? _____
23. Na infância e/ou adolescência foi educado apenas por uma pessoa (pai ou mãe)? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	24. Tem algum problema grave de saúde mental? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
25. Já alguma vez esteve preso/a? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	26. Já teve problemas com a polícia? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
27. Já alguma vez viveu numa casa de acolhimento? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	28. Já alguma vez viveu num centro educativo? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
29. Já consumiu drogas ilegais? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	30. Já se embriagou com bebidas alcoólicas? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
31. Por favor indique com que frequência consumiu drogas nos últimos 12 meses: Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/>	32. Por favor indique com que frequência se embriagou nos últimos 12 meses: Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/>

### Anexo III: Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBV).

#### Escala DBV

(Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes, & Roncon, 2016)

Agora apresentamos-te alguns comportamentos que podem ser realizados por jovens da tua idade. Indica por favor se, durante o último ano, tiveste algum destes comportamentos. Lembra-te que o questionário é ANÓNIMO e CONFIDENCIAL. Ninguém que te conheça terá acesso às tuas respostas. Por favor responde com sinceridade!

Vê o exemplo e assinala a resposta que melhor corresponde aos teus comportamentos.

DURANTE O ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ...	SIM	NÃO
1. Foste para a escola ou para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
2. Mentiste a adultos (ex: familiares, professores, etc.)?		
3. Consumiste cocaína ou heroína?		
4. Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
5. Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
6. Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
7. Estragaste ou destruístes bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)?		
8. Consumiste haxixe ("ganzas") ou marijuana ("erva")?		
9. Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
10. Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
11. Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc...)?		
12. Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
13. Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir, para ficar com colegas ou para ir dar uma volta?		
14. Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução?		
15. Consumiste LSD ("ácidos"), ecstasy ("pastilhas") ou anfetaminas ("speeds")?		
16. Transportaste uma arma (ex.: navalha, pistola, etc.)?		
17. Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
18. Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)?		
19. Assaltaste um carro, uma casa loja, escola ou outro edifício?		

**Questão adicional** - Acima foram enumerados 19 comportamentos que poderás ter realizado no último ano, **por favor indica quantos destes comportamentos já realizaste ao longo de toda a tua vida? \_\_\_\_ (0-19)**